

## O *PRELÚDIO* Nº 2 PARA VIOLÃO DE GUERRA-PEIXE E A TRILHA SONORA DO FILME *O DIABO MORA NO SANGUE*<sup>1</sup>

Clayton Vetromilla<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto apresenta as conclusões a que chegamos ao verificar a afirmação do violonista Nélio Rodrigues, segundo a qual o *Prelúdio nº 2* para violão (1970), de César Guerra-Peixe, foi “idealizado” a partir da trilha sonora do filme *O diabo mora no sangue* (1967). Depois de discutir questões gerais entorno da partitura dos cinco *Prelúdios* para violão publicada em 1973, aproximamos as características do *Prelúdio nº 2* com os recursos utilizados Guerra-Peixe na música composta por para o citado filme. Finalmente, reconhecemos que, apesar do grande número de trabalhos entorno da obra do compositor, ainda há lacunas consideráveis para se alcançar uma compreensão ampla de sua linguagem composicional.

**Palavras-chave:** Guerra-Peixe; Violão Brasileiro; Prelúdios; Trilha Sonora.

“Quando componho para violão, é para violão.”<sup>3</sup>  
César Guerra-Peixe

### INTRODUÇÃO<sup>4</sup>

Este estudo está inserido em uma pesquisa sobre a linguagem composicional de César Guerra-Peixe. Além de personalidade emblemática para a consolidação da estética nacionalista, suas obras para violão trazem uma contribuição importante para a afirmação do instrumento no cenário da música erudita brasileira.

No presente trabalho, apresentamos as conclusões a que chegamos ao verificar a afirmação do violonista Nélio Rodrigues, segundo a qual o *Prelúdio nº 2* foi “idealizado” a partir da trilha sonora do filme *O diabo mora no sangue*. A análise realizada se detém principalmente em aspectos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Simpósio Acadêmico de Violão da Embap de 6 a 11 de outubro de 2008.

<sup>2</sup> Instituto Villa-Lobos/Unirio.

<sup>3</sup> GUERRA-PEIXE, César. Entrevista. In: VIEIRA, S. *Características instrumentais na obra para piano de César Guerra-Peixe*. 1985. Dissertação (Mestrado em Música) – UFRJ, 1985, p.94.

<sup>4</sup> O presente texto não poderia ter sido realizado sem a colaboração de Cecil Albery Thiré (diretor do filme *O diabo mora no sangue*), do Cineclubes João Bênnio (Goiânia, GO) e do Museu da Imagem e do Som (Goiânia, GO) por intermédio de Tânia Mara Quinta A. de Mendonça, a quem agradecemos.

historiográficos e destina-se a verificar em que medida tal afirmação é procedente.

Depois de discutir questões gerais entorno da partitura dos cinco *Prelúdios*, aproximamos as características do *Prelúdio nº 2* com os recursos utilizados por Guerra-Peixe na música composta para o filme *O diabo mora no sangue*. Atendendo a uma demanda que remete ao modernismo de Mário de Andrade, a escrita do compositor tende a aproximar o universo sonoro do violão erudito das peculiaridades técnicas e timbrísticas de seus pares de corda dedilhada utilizados na música folclórica e popular, neste caso, principalmente da viola de dez cordas.

## OS PRELÚDIOS PARA VIOLÃO DE GUERRA-PEIXE

O compositor César Guerra-Peixe (1914-1993) escreveu cinco prelúdios para violão solo. Confrontando fontes manuscritas e impressas com a partitura publicada em 1973 pela editora Arthur Napoleão, encontramos diferenças consistentes no que diz respeito a títulos, subtítulos e dedicatórias bem como que diz respeito à linguagem composicional<sup>5</sup>.

Em 1969, Guerra-Peixe compôs duas obras para violão solo: a *Sonata* e o *Prelúdio nº 1*. Na partitura do *Prelúdio* difundida através de cópias heliográficas pela Ordem dos Músicos do Brasil, encontramos a dedicatória “para Léo Soares”<sup>6</sup>, posteriormente, quando editado, o compositor retirou a mesma e incluiu o subtítulo “Lua cheia”<sup>7</sup>.

São de 1970 os outros três prelúdios para violão, todos distribuídos, inicialmente, através de cópias heliográficas: *Prelúdio nº 2*, “para [Manuel] Geraldo Vespar”<sup>8</sup>; *Prelúdio nº 3*, “ao prof. Sylvio Serpa Costa”<sup>9</sup>; e *Prelúdio nº*

<sup>5</sup> Para uma discussão sobre as “fases estéticas” de Guerra-Peixe ver: VETROMILLA, C. *Introdução à obra para violão solo de Guerra-Peixe; incluindo gravação integral e edição crítica da Suíte*. 2002. Dissertação (Mestrado em Música) – UFRJ, 2002.

<sup>6</sup> GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 1*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1969. (2p., 1 partitura)

<sup>7</sup> O *Prelúdio nº 1* também foi publicado em separado da coleção (ver: GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 1*. Rio de Janeiro: Arthur Napoleão, 1973. NA 1072 (4p., 1 partitura)

<sup>8</sup> GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 2*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1970. (2p., 1 partitura)

<sup>9</sup> GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 3*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1970. (2p., 1 partitura)

4, “a Waltel Branco”.<sup>10</sup> Na partitura publicada em 1973, o compositor acrescentou, respectivamente, os subtítulos: “Isocronia (em forma de estudo)”, “Dança fantástica” e “Canto do mar”.<sup>11</sup>

Tendo como tema um fragmento da trilha sonora original composta para o filme *Riacho do Sangue*, a obra de Guerra-Peixe intitulada *Ponteado*, para viola [de dez cordas] ou violão, possui dois exemplares autógrafos localizados no acervo da Divisão de Música da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, além de uma versão em cópia heliográfica, distribuída pela Ordem dos músicos do Brasil. Em 1973, o compositor anexou o *Ponteado* à coleção de prelúdios intitulando-o *Prelúdio nº 5*, “Ponteado nordestino”, para viola [de dez cordas] ou violão.<sup>12</sup>

Ao comentar a gravação realizada pelo violonista francês, Roland Dyens, Eurico Nogueira França afirma que os *Prelúdios nº 4* e *nº 5* são “de envolvente sedução” e “demonstram o grande domínio do *métier* que o compositor ostenta”, além de expressarem “autenticidade nacionalista”.<sup>13</sup> Por outro lado percebemos um evidente contraste entre a sonoridade de ambas.

Certamente, durante os anos que separam a data dos *Prelúdios* (o de *nº 5* é de 1966, o de *nº 1*, 1969 e os de *nº 2* à *nº 4* são de 1970), a linguagem do compositor se transformou e é o violonista Nélvio Rodrigues quem aponta o caminho para elucidarmos como se deu tal alteração. Em entrevista realizada em 12 de abril de 1992, Rodrigues afirma que o *Prelúdio nº 2* foi “idealizado” por Guerra-Peixe a partir da partitura do filme *O diabo mora no sangue*<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 4*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1970. (1p., 1 partitura).

<sup>11</sup> GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdios para violão*. Rio de Janeiro: Arthur Napoleão (únicos distribuidores: Fermata do Brasil), 1973. NA 2109 (13p., 5 partituras).

<sup>12</sup> Para um estudo detalhado sobre a gênese do *Prelúdio nº 5*, ver: VETROMILLA, C. *Ponteado ou Prelúdio: considerações sobre uma obra para violão de Guerra-Peixe*. *Per Musi*. Belo Horizonte, v.8, 2003. p. 84-93.

<sup>13</sup> FRANÇA, Eurico Nogueira. Encarte do LP e *Festival Villa-Lobos, 1980, II Concurso Internacional de Violão - Música Brasileira*. MEC / SEAC / FUNARTE / MVL, 1981.

<sup>14</sup> TEIXEIRA, Moacyr Garcia Neto. *Música contemporânea brasileira para violão*. Vitória: Gráfica e Editora A1, 2000, p.24.

## A TRILHA SONORA DE *O DIABO MORA NO SANGUE*: GÉRMEN DA ESCRITA VIOLONÍSTICA DE GUERRA-PEIXE

Trazendo no elenco João Bênnio, Ana Maria Magalhães, Hugo Broches, Dinorah Brillanti e Maria Pompeu, o filme *O diabo mora no sangue*<sup>15</sup> possui trilha sonora assinada por Guerra-Peixe. A estória se passa às margens do rio Araguaia (divisa entre os estados de Goiás e Mato Grosso do Sul) e trata da relação incestuosa entre Júlio (João Bênnio) e sua irmã, Maria (Ana Maria Magalhães).

Guerra-Peixe escreveu dois temas para demarcar o contraste entre os universos culturais envolvidos na trama, ou seja, os habitantes nativos da região e o grupo de turistas, que vêm pescar à margem do rio. O produtor do filme, João Bênnio, queria “uma trilha de jazz moderno”; entretanto,

Guerra-Peixe desaconselha argumentando a utilização de um tipo de música em voga na época da produção do filme, o torna datado em pouco tempo porque a moda é efêmera. Note-se aqui a extrema sensibilidade do compositor para as condições oferecidas em cada época. Na década de 1960, em plena era dos filmes autorais de custo médio, as orquestras cedem espaço aos pequenos conjuntos. No caso desse filme, grava-se a trilha com o Maestro Cipó [Orlando Silva de Oliveira Costa] no saxofone, Geraldo Vespar no violão e guitarra elétrica [bem como na viola de dez cordas], Antônio Maria no piano, além de um baterista e um contrabaxista.<sup>16</sup>

De fato, há dois temas para marcar a presença dos turistas da capital que vêm pescar às margens do rio. Ambos possuem andamento agitado e dançante: o primeiro é um fragmento da canção *Lá, lá, lá*, de Manuel de la Calva e Ramon Arcusa, na versão de Antônio José, gravada pelo conjunto vocal Trio Ternura,<sup>17</sup> o segundo, é de autoria de Guerra-Peixe e possui um caráter *jazzístico*. Ao contrário, o [*Tema de abertura*], executado por coral misto, violão e conjunto de madeiras (interpretado pelo Quinteto Villa-Lobos), é

<sup>15</sup> *O diabo mora no sangue*. Cecil Albery Thiré. Brasil. 1967. Bênnio Produções Cinematográficas. Rio de Janeiro. Drama.

<sup>16</sup> AGUIAR, Lúcio. As mídias do Séo Maestro. In: FARIA, A.; BARROS, L.; SERRÃO, R. (org.) *Guerra-Peixe: um músico brasileiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2007, p. 145.

<sup>17</sup> *Trio Ternura*. Trio Ternura. Musidisc. São Paulo, 1968 (LP).

solene e dramático reaparecendo integralmente também, aos 45 minutos do filme, durante a cena de amor entre Júlio e Maria; e, nos instantes finais, quando, morto sobre a canoa, Júlio é carregado pelo rio.

Utilizado para pontuar a trama como um todo, o [*Tema de abertura*] é recriado inúmeras vezes, conforme a natureza emocional da cena. A variedade na instrumentação, no andamento e no colorido harmônico não esconde que o mesmo é utilizado principalmente para marcar a paisagem do rio, que, por sua vez, acaba adquirindo um status de quase-personagem.

Por exemplo, aos vinte minutos de projeção, quando a personagem Maria se banha nua no rio, o tema surge executado por voz feminina solista acompanhada por uma viola de dez cordas (Figura 1). Na parte da viola de dez cordas, as notas “mi”, “si” e “lá” (respectivamente, primeiro, segundo e quinto par de cordas da viola de dez cordas) soam como um acorde pedal, sobre o qual se movimentam as notas tocadas pressionando com os dedos da mão esquerda no terceiro e quarto par de cordas do instrumento.

Configura-se, portanto, uma textura contrapontística na qual se estabelecem dois planos sonoros distintos: um, estático, das cordas soltas; outro, dinâmico, das cordas presas. Entre si, em última instância, as notas produzidas no terceiro e quarto pares de corda atuam em movimento paralelo, oblíquo em relação às notas produzidas pelas cordas soltas; por outro lado, o fato de o compositor fazer uso de retardos e cromatismos confere a esse movimento um alto grau de tensão melódica.

O fato de o violonista Geraldo Vespar ter participado da gravação da trilha sonora do filme *O diabo mora no sangue* pode ser considerado uma justificativa coerente para a dedicatória que Guerra-Peixe incluiu na partitura do *Prelúdio nº 2*, de 1973. O termo “Isocronia” pode ser entendido como uma corruptela de “isocronismo”, isto é, “qualidade de isócrono, ou seja, que se realiza em tempos iguais ou ao mesmo tempo”<sup>18</sup>.

Guerra-Peixe utiliza a palavra para sugerir a existência de um fluxo sonoro decorrente do ataque ininterrupto dos dedos da mão direita, à maneira dos prelúdios atemáticos ou dos estudos de fórmula fixa. Além disso, o compositor pode ter incluído a expressão “*em forma de estudo*” ao considerar

---

<sup>18</sup> DICIONÁRIO Aurélio - Século XXI, versão 3.0, novembro de 1999.

“prelúdio atemático” como uma “sucessão de acordes, sem propósito de melodia, nem número determinado de compassos”, e que, possuindo “a feição de um acompanhamento de rítmica constante”, adquire o “caráter de estudo de acordes, arpejos ou de escalas”.<sup>19</sup>



Figura 1: Transcrição da melodia do tema de abertura do filme *O diabo mora no sangue* conforme aparece na cena em que a personagem Maria toma banho no rio. A linha melódica (notas com haste para cima) é feita por uma voz feminina e o acompanhamento (notas com haste para baixo) é feito por uma viola de dez cordas.

Em conversa informal com o autor do presente texto, o violonista Léo Soares (a quem, inicialmente, o compositor dedicara o *Prelúdio nº 1*) afirmou ter sido ele (Soares), quem sugeriu a Guerra-Peixe utilizar dois pentagramas ao escrever para violão. Concluímos que o fato de o compositor ter acatado a sugestão nos *Prelúdio nº 1*, *nº 2* e *nº 3* (do compasso 32 ao 40) (Figura 2), bem como, posteriormente, em *Breves III - 3. Arpejando*, de 1981; decorre da necessidade de explicitar graficamente uma concepção instrumental cujo gérmen se localiza nos recursos expressivos utilizados na trilha sonora do filme *O diabo mora no sangue*.

<sup>19</sup> SILVA, José Paulo da. *Linguagem da música*. Rio de Janeiro: propriedade reservada, 1945, p.51.

No pentagrama superior, das “cordas soltas”, Guerra-Peixe escreve as notas obtidas em cordas soltas, isto é, aquelas produzidas ao pinçar com os dedos da mão direita as cordas previamente afinadas do violão; por outro lado, no pentagrama inferior, das “cordas dedilhadas”, escreve os sons obtidos em cordas dedilhadas, ou seja, as notas produzidas ao pinçar com os dedos da mão direita as cordas previamente pressionadas pelos dedos da mão esquerda sobre o braço do instrumento. Como vimos, tal recurso não é uma peculiaridade do *Prelúdio nº 2*, mas de uma concepção idiomática de tratar o violão.

Figura 2: Transcrição dos compassos 3 a 8 do *Prelúdio nº 1*; compassos 1 a 6 do *Prelúdio nº 2*; e compassos 31 a 36 do *Prelúdio nº 3*. Mantivemos a disposição utilizada por Guerra-Peixe (pauta superior: “cordas soltas” / pauta inferior: “cordas dedilhadas”), entretanto, abstraímos a estruturação rítmica e omitimos todas as outras informações que a partitura oferece (por exemplo, dinâmica, agógica, etc.).

Nesse contexto, se, por um lado, é importante saber que o *Prelúdio nº 3* teve sua estréia realizada por Sebastião Tapajós em recital no Museu da

Imagem e do Som, Rio de Janeiro (Seminário de Música), em 1970;<sup>20</sup> ou que Nélio Rodrigues, sendo o “grande intérprete” dos *Prelúdios* e da *Sonata*,<sup>21</sup> foi quem estreou os cinco *Prelúdios*<sup>22</sup>; por outro, somente conhecendo mais amplamente tais eventos poderemos dimensionar sua relevância. No caso da relação entre a música de Guerra-Peixe para cinema e sua obra para violão, urge um estudo sobre a trilha sonora do filme *Simeão, o boêmio* (1969), de João Bênnio, cuja música inclui a participação de “Geraldo Vespar no violão e viola [de dez cordas], Copinha [Nicolino Cópia] na flauta e, para não ficar sem fazer nada, Guerra-Peixe no prato”.<sup>23</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo contextualizado a relação entre a trilha sonora do filme *O diabo mora no sangue* e a partitura do *Prelúdio nº 2* de Guerra-Peixe, vêm a propósito algumas considerações acerca do trabalho a ser desenvolvido posteriormente. Estas se referem essencialmente a dois domínios: a necessidade de se refletir criticamente sobre a produção da música erudita e a proposta metodológica do trabalho a ser realizado.

Quanto à primeira dessas áreas, fica-se conhecendo, sobretudo, a gênese das obras que forjaram as bases para o estabelecimento da linguagem violonística brasileira e sua afirmação no contexto da música erudita. Quanto à segunda área, evidenciam-se as possibilidades didáticas do estudo, por exemplo: comparar em obras contemporâneas entre si, ou de épocas diversas, os diferentes recursos utilizados para abordar um mesmo tema; comparar as características dos diferentes períodos estéticos da música brasileira e internacional sob o ponto de vista da presença do repertório violonístico; comparar as características da produção dita nacionalista e a produção dita de vanguarda em obras brasileiras escritas para violão; e assim por diante.

---

<sup>20</sup> GUERRA-PEIXE, César. [*Curriculum Vitae*, 1971]. Rio de Janeiro: texto datilografado, março de 1971, p.[37].

<sup>21</sup> MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p.243.

<sup>22</sup> TEIXEIRA, Moacyr Garcia Neto. *Música contemporânea brasileira para violão*. Vitória: Gráfica e Editora A1, 2000, p.19.

<sup>23</sup> AGUIAR, Lúcio. As mídias do Séo Maestro. In: FARIA, A.; BARROS, L.; SERRÃO, R. (org.) *Guerra-Peixe: um músico brasileiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2007, p. 145.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Lúcio. As mídias do Séo Maestro. In: FARIA, A.; BARROS, L.; SERRÃO, R. (org.) *Guerra-Peixe: um músico brasileiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2007.

DICIONÁRIO Aurélio - Século XXI, versão 3.0, novembro de 1999.

FRANÇA, Eurico Nogueira. Encarte do LP *Festival Villa-Lobos, 1980, II Concurso Internacional de Violão - Música Brasileira*. MEC / SEAC / FUNARTE / MVL, 1981.

GUERRA-PEIXE, César. [*Curriculum Vitae*, 1971]. Rio de Janeiro: texto datilografado, março de 1971.

GUERRA-PEIXE, César. Entrevista. In: VIEIRA, S. *Características instrumentais na obra para piano de César Guerra Peixe*. 1985. Dissertação (Mestrado em Música) – UFRJ, 1985.

GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 1*. Rio de Janeiro: Arthur Napoleão, 1973. NA 1072 (4p., 1 partitura)

GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 1*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1969. (2p., 1 partitura)

GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 2*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1970. (2p., 1 partitura)

GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 3*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1970. (2p., 1 partitura)

GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdio nº 4*. Rio de Janeiro: Ordem dos Músicos do Brasil, 1970. (1p., 1 partitura)

GUERRA-PEIXE, César. *Prelúdios para violão*. Rio de Janeiro: Arthur Napoleão (únicos distribuidores: Fermata do Brasil), 1973. NA 2109 (13p., 5 partituras)

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

*O diabo mora no sangue*. Cecil Albery Thiré. Brasil. 1967. Bênnio Produções Cinematográficas. Rio de Janeiro. Drama.

SILVA, José Paulo da. *Linguagem da música*. Rio de Janeiro: propriedade reservada, 1945.

TEIXEIRA, Moacyr Garcia Neto. *Música contemporânea brasileira para violão*. Vitória: Gráfica e Editora A1, 2000.